

# Ídolos. Olhares milenares. O Estado da Arte em Portugal.

Museu Ibérico de Arqueologia e Artes de Abrantes | 05 de abril 2022  
Apresentação do catálogo da exposição.

---

Luiz Oosterbeek<sup>1</sup>

## Para além da figura humana – ídolos

A representação antropomórfica é uma expressão intelectual tardia da espécie humana, mas está presente desde o início das representações figurativas em arte móvel, parietal e rupestre. Essas representações incorporam três dimensões essenciais: identidade, cosmovisão e transformação.

A dimensão identitária corresponde em primeiro lugar a uma afirmação participativa, de que as “mãos negativas” são um exemplo muito disseminado na Europa ocidental e noutras regiões do planeta, em contextos cronológicos e culturais diversos. Mas essa dimensão identitária também começa por se afirmar através não tanto da mera representação da figura humana, mas da sua enunciação, nomeadamente através da representação de teriantropos, que inscrevem a humanidade na *zoocenose* (cervídeos, felinos, ungulados, répteis,...). Ainda no Paleolítico, a representação da fertilidade, como nas chamadas “vénus”, consolida uma afirmação identitária vinculada aos ecossistemas e à sua continuidade, ou sustentabilidade. Finalmente, as representações antropomórficas iniciais reiteram a relevância dos ritos de afirmação participativa, ilustradas por exemplo no complexo de Foz Côa. Só mais tarde, nas sociedades agro-pastoris, emerge a esquematização da figura humana ancorada na experiência humana e não na *zoocenose*, ou seja, estruturada a partir de uma ação humana que regula o ecossistema e não apenas o habita.

Essa rutura na representação da figura humana é indissociável da cosmovisão, que não é mais dominada pela *zoocenose* (como no Paleolítico, ou mesmo em contextos posteriores, como Göbekli Tepke) mas pela domesticação, ou seja, pela segregação do espaço antropizado em relação ao selvagem. Essa segregação decorre de ações humanas que, a seu tempo, irão gerar uma noção de relevância e domínio humano, que se exprime através de uma cosmovisão etnocêntrica apoiada em interações económicas entre grupos que favorecerá a emergência das noções de “natureza” (o que está fora do espaço antrópico por que não foi antropizado), por um lado, e de transcendência (o que está fora do espaço antrópico

---

<sup>1</sup> Instituto Politécnico de Tomar; Centro de Geociências; Museu de Arte Pré-Histórica de Mação.

porque, à sua imagem e semelhança, o supera como meta-realidade), por outro. Os ciclos maioritários da arte rupestre do Tejo ou do Guadiana inscrevem-se nisso.

Mas a representação da figura humana não apenas regista, mas potencia, a transformação sociocultural, por um lado através da sua associação a atributos específicos que se replicam (tatuagens, armas, gestos) e consolidam etnicidades, e por outro pelo definitivo triunfo do sentido da visão sobre os demais, na construção de sentidos. A importância da representação dos olhos, nas sociedades agro-pastoris, acompanha uma mudança radical na gestão das paisagens: não mais apenas a adaptação aos constrangimentos do território (florestas, montes e outros acidentes morfológicos, contornáveis apenas pela audição e pelo cheiro), mas territórios antropizados, sem obstáculos, que importa controlar pela visão e que permitem que a visão alcance maiores distâncias.

Os ídolos neolíticos e calcolíticos inscrevem-se neste processo. O seu “ar de família” evidencia esta mudança que percorre todo o Mediterrâneo e parte da Europa, e que corresponde a um processo cultural integrado de intensificação e interação crescentes, mas a sua variedade (sobretudo nos atributos) também ilustra a diversidade cultural desses períodos.



Como no caso do ídolo encontrado em Alvega (Abrantes), fora de contexto mas num território com fortes evidências de comunidades neolíticas, que é uma peça pouco comum, gravada num seixo de anfíbolito. São reconhecíveis os olhos “solares”, abaixo dos quais se observam duas linhas oblíquas de cada lado (tatuagens ou marcação de braços) e, ainda abaixo, a representação do triângulo púbico feminino, com marcação da separação das pernas.

A apresentação do excelente catálogo da exposição *Ídolos. Olhares Milenares* no Museu de Arqueologia e Arte de Abrantes teve, assim, um interesse particular. Não só porque na coleção do MIAA figura um ídolo relativamente incomum, mas porque a temática da figura humana é um dos temas centrais da exposição permanente do museu.

**Referência bibliográfica:** Bueno Ramírez, P. & Soler Díaz, J., coord. *Ídolos: Olhares Milenares. O Estado da Arte em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM)/Museu Nacional de Arqueologia, 2021.